



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.38

AGOSTO/2024





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.38

AGOSTO/2024



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 38ª ed. Agosto/2024. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 38ª ed. Agosto/2024
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Prof. PhD Vanessa Sales

Editores

Prof. PhD Hélio Sales Rios

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva

Prof. Dr. Fábio Terra Gomes Júnior

Prof. Dr. Daniel Laiber Bonadiman

Técnica Editorial

Rayane Souza

Auxiliar Técnica

Rayane Rodrigues

Editores Auxiliares

Reviane Farcy Silva da Silveira

James Melo de Sousa

Priscila de Fátima Lima Schio

Lucas Teotônio Vieira

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

TEOLOGIA

THEOLOGY



TEOLOGIA

POSSO TE CONTAR UM SEGREDO? A EXPERIÊNCIA SOCIOEDUCATIVA DO CANDOMBLÉ ENTRE SEGREDOS E DOMINAÇÕES.....08

Autor: Anderson Luiz Scot

Contato: aluizscot@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

CAN I TELL YOU A SECRET? THE SOCIO-EDUCATIONAL EXPERIENCE OF CANDOMBLÉ BETWEEN SECRETS AND DOMINATION.

¿PUEDO CONTARTE UN SECRETO? LA EXPERIENCIA SOCIOEDUCATIVA DEL CANDOMBLÉ ENTRE SECRETOS Y DOMINACIONES.

**POSSO TE CONTAR UM SEGREDO? A EXPERIÊNCIA SOCIOEDUCATIVA DO
CANDOMBLÉ ENTRE SEGREDOS E DOMINAÇÕES.**
CAN I TELL YOU A SECRET? THE SOCIO-EDUCATIONAL EXPERIENCE OF CANDOMBLÉ
BETWEEN SECRETS AND DOMINATION.
¿PUEDO CONTARTE UN SECRETO? LA EXPERIENCIA SOCIOEDUCATIVA DEL
CANDOMBLÉ ENTRE SECRETOS Y DOMINACIONES.

Anderson Luiz Scot
aluizscot@yahoo.com.br

SCOT, Anderson Luiz. **Posso te contar um segredo? a experiência socioeducativa do candomblé entre segredos e dominações.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.38, p. 08 – 16, agosto/2024. ISSN/2675 – 5203.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência socioeducativa e relacional presente na vivência dos praticantes das religiões de matriz afro-brasileiras (neste caso específico, o candomblé) e como a estrutura de comunicação conhecida como “segredo” passa a ser um espaço privilegiado de dominação dentro dos espaços sagrados. Ao mesmo tempo, esta reflexão auxilia na compreensão na manutenção do *status quo* dos participantes deste grupo em situações de submissão sociais entre os seus dirigentes não possibilitando, assim, relações sociais que levam a reflexões que busquem a autonomia, a emancipação e a libertação dos sujeitos, tanto dentro quanto fora dos terreiros de candomblé.

Palavras-Chaves: Candomblé. Segredo. Poder. Processos Socioeducativos

SUMMARY

This article reflects on the socio-educational and relational experience present in the lives of practitioners of Afro-Brazilian religions (at this specific case, Candomblé) and how the communication structure known as “secret” becomes a privileged space of domination within sacred spaces. At the same time, this reflection helps to understand the maintenance of the *status quo* of the participants of this group in situations of social submission among their leaders, thus not allowing social relations that lead to reflections that seek autonomy, emancipation and liberation of the subjects, both inside and outside the Candomblé’s spaces.

Keywords: Candomblé. Secret. Power. Socio-educational Processes

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la experiencia socioeducativa y relacional presente en la vida de los practicantes de religiones afrobrasileñas (en este caso específico, el candomblé) y cómo la estructura de comunicación conocida como “segredo” se convierte en un espacio privilegiado de dominación dentro de los espacios sagrados. Al mismo tiempo, esta reflexión ayuda a comprender el mantenimiento del *status quo* de los participantes de este grupo en situaciones de sumisión social entre sus líderes, no permitiendo así relaciones sociales que conduzcan a reflexiones que busquen la autonomía, la emancipación y la liberación de los sujetos, tanto dentro como fuera de los terreiros del candomblé.

Palabras-Clave: Candomblé. Secreto. Poder. Procesos socioeducativos

UM SEGREDO COMO INTRODUÇÃO DESTA REFLEXÃO

Para começarmos a falar de segredo, precisamos iniciar pelo entendimento do significado da palavra e seus desdobramentos. Lembrar que segredo é algo importante, que não pode perecer, que precisa ser guardado, resguardado com cuidado para não quebrar a confiança do confidente. A palavra segredo (cf. DICIO, 2024) é substantivo masculino e tem como significado mais comum no dicionário de “aquilo que a ninguém deve ser revelado”; “o que é segredo, sigiloso”, ou então, “o que há de mais escondido”; “o que se oculta à vista e ao conhecimento.”

Segredo significa confidenciar algo a alguém e ter isso guardado, sobre guarda, escondido. Apenas confiamos o segredo a alguém quando nos sentimos confiante de que o que fora confidenciado, jamais será revelado, sem seu devido consentimento.

A palavra segredo origina do latim *secrētum*, 'lugar isolado, solidão. Na antiguidade, era utilizada para lembrar a parte do leite que ficou retido no coador. A palavra segredo tem a ver com a ideia de separar, coar. O que a peneira existente em nossa mente, seleciona e retém para não “coar” pela boca.

O segredo pode aproximar ou separar uma pessoa ou um grupo. Dissolver uma sociedade, um casamento, um partido político. E assim acontece a quebra de confiança. Ou pensando ao contrário ele pode unir ainda, mas uma pessoa, um grupo, ou qualquer outro ambiente social que ele possa passear.

As relações sociais iniciam-se por afinidades e essas afinidades vão se afunilando e gerando troca de confidências entre as pessoas. Cada vez mais afunilado, maior a probabilidade de o indivíduo sentir-se confiável e segredar algo a alguém do seu grupo social. Introduzido com brevidade algumas das diversas possibilidades da palavra segredo, preparamos para iniciar o objetivo da nossa ideia inicial que é trazer a correlação de segredo com suas variantes formas de agir em nosso dia a dia.

O QUE É O SEGREDO DENTRO DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DOS TERREIROS? DESENVOLVENDO A TEMÁTICA

Partindo desse pressuposto, queremos entender como o segredo funciona como mecanismo de manipulação do indivíduo dentro do contexto religioso, especificamente, dentro das religiões de matriz africana.

Para Vagner Gonçalves da Silva (2011) em seu artigo “*A questão do segredo no candomblé*”, as religiões afro-brasileiras são constituídas por grupos esotéricos que se pautam pelo conhecimento oral. Suas regras de acesso ou ingresso envolvem a realização de rituais privados, no interior dos terreiros. Por isso o segredo desempenha um papel fundamental no candomblé.

Ao que denominamos segredo dentro dos terreiros, pode não haver um consenso entre o que é segredo e o que não é. Uma coisa que misteriosamente é guardada dentro de uma casa de candomblé ou uma “nação”, em outra pode ser contada sem grandes obstáculos. Dentro do contexto religioso, ou melhor dizendo, dentro de um terreiro de candomblé, passamos a admirar, respeitar e temer quem é o detentor do segredo, dependendo de como essa relação se estabelece. Numa casa de candomblé, normalmente o segredo está retido com o mais velho. Em alguns locais, ele fica tão guardado, tão profundamente guardado que somente o zelador da casa de santo é o detentor do segredo.

Essa retenção do segredo dos ritos, do que será feito dentro da ritualística do processo religioso, faz do detentor do conhecimento, uma espécie de senhor (a) dos saberes. E ali vamos depositar nossa esperança, confiança, respeito ou quiçá nosso temor. A relação pode deixar de ser de admiração por temor, dependendo de como ela se dá ao longo do processo. Não necessariamente, vamos “servir” ou “obedecer” aquele zelador, apenas pela admiração ou gratidão. O temor tem importância significativa sobre aquele que detém o conhecimento

(segredo) e a depender da maneira como é utilizado, ele provoca um processo de submissão enorme no adepto da religião.

O segredo está para o zelador, assim como a chibata para o capitão do mato. O açoite deixa de ser um objeto físico e transforma-se no conhecimento herdado pelo mais velho da casa de santo.

Hoje, quando pensamos no poder, enquanto estrutura e manutenção da figura do responsável por um terreiro de candomblé, precisamos pensar que poucos são os que não recorrem à autoridade como elemento de força e demonstração de liderança.

Atualmente podemos pensar na mudança do uso da força da chibata pelo “segredo” que envolve a ritualística. Como não se possibilita mais o uso da força física como demonstração de poder social, o conhecimento passa a ser usado como arma, como forma de açoitar o adepto. Reforçando esse pensar recorro a literatura de Patrício Araújo Carneiro (2018, p. 15) que relata que “a existência do segredo, enquanto um conteúdo simbólico é produzido socialmente”.

Para Balandier (1997, p. 141-142), “tal como Exu, o segredo possui um elemento limítrofe, que pode criar a ordem e a desordem. Exu é aquele que estabelece as fronteiras e, assim fazendo, é também artífice do poder.”

E quando falamos da ação de contar um segredo, o campo semântico sempre envolve recurso aos sentidos, como o ato de ouvir, assim o segredo impõe a comunicação o controle do nível e dos agentes neles envolvidos na transmissão. Esse mesmo campo semântico construído em torno do substantivo segredo, pressupõe uma relação estabelecida entre mais de um sujeito, quando se trata de produzir um segredo. Concluímos então que sem relação social, não existe segredo.

Para Silva (2006. p.133-134) “o segredo nessas religiões é menos uma questão de “conteúdo” de informações específicas e mais de controle do acesso dos religiosos aos fragmentos dos conhecimentos litúrgicos com os quais se pode sistematizar o corpus religioso de uma forma mais legítima.”

A organização do ritual do candomblé, se dá sempre da mesma forma. Não tem variação por pessoa e sim por orixá. O ritual sempre irá se dispor da mesma forma, fazendo alguns pequenos ajustes de acordo com a cerimônia/rito a ser realizado. Se pensarmos sobre a ideia de repetição dos rituais, com alguns pequenos ajustes e variações de acordo com a ritualística de cada orixá, poderíamos elaborar uma cartilha e qualquer praticante que tivesse “tempo” de santo poderia colocar em prática aquele ritual.

Porém com a delegação dessa função a outra pessoa, a figura central do terreiro de candomblé, “perde” seu poder sobre os demais integrantes do grupo. Essa dominação do segredo gera poder e autoridade à figura central. Ou seja, só se dá a conhecer quando quer.

Conhecimento e poder estão sempre relacionados, conforme afirma Castillo (2010, p.33) “No candomblé, o saber e o poder são entrelaçados. Para compreender melhor a circulação e o funcionamento do saber, há de se entender também sua relação com o sistema de poder”

A ideia não é a banalização do segredo ou do fundamento dos orixás, mas sim, preservar as relações e a pessoa humana, em suas estruturas complexas e sagradas, que passaria a viver dentro de uma religião, mas saudável e menos cerceada de medo e culpa.

Para Araújo (2018):

Pude me certificar que o segredo continua vivo e atuante; haja vista a grande recorrência de respostas positivas, quando interrogava meus interlocutores a respeito da existência e persistência do segredo nessa religião. Esse segredo que fala o povo de candomblé, porém, apresenta-se, substancialmente modificado em relação à antiga visão que de se formou ao longo da história. Mas, segundo o povo de terreiro, ele continua lá. (ARAÚJO, 2018, p. 146)

Podemos dizer que dentro de um terreiro de candomblé, o segredo ocupa três esferas.

E essas esferas facilmente são percebidas por quem observa um xirê (festa) ou um orô (fundamento realizado entre os frequentadores).

A essas esferas podemos definir pela combinação entre o período de iniciação (ou ausência) e as “obrigações” rituais cumpridos ao longo do tempo. Quanto maior o tempo e o número de “obrigações”, que se compreende em um, três e sete anos (a depender da nação que o adepto frequenta). Quanto maior o tempo de “obrigação”, maior será a ascensão na hierarquia e conseqüentemente obtém poder.

Pensando a estrutura do segredo e de poder, observando um ritual, podemos defini-lo da seguinte maneira:

1 – Abiãs – são os adeptos que ainda não passaram pelo processo de iniciação (feitura). Tem situações de pessoas que frequentam a religião há décadas e que ainda se mantém nessa condição.

2 – Iaôs – A esses compreendemos os iniciados (feitos) que passaram pelo ritual da feitura e tem (ou não) obrigações pagas, porém ainda não “pagou obrigação” de sete anos. E conseqüentemente não ganharam o direito à “maioridade” dentro da religião. Diz-se entre os frequentadores, que são os que não tomaram “deká” (obrigação de sete anos). Assim como no primeiro grupo, podemos encontrar entre as iaôs, pessoas que foram iniciadas por algumas décadas e que ainda não estão em dia com sua vida religiosa dentro do candomblé, ou seja, não tomaram suas obrigações dentro do tempo.

3 – Ebomes e não rodantes – Nesse ciclo encontra-se os ogãs e ekedes e os rodantes (que entram em transe) e que tem suas obrigações de sete anos “pagas” no caso dos rodantes e/ou são confirmados e passaram pelo ritual de iniciação, no caso dos ogãs e ekedes.

Nesse terceiro grupo encontra-se a esfera de poder com maior conhecimento dentro da casa de santo. A palavra ebome vem do ioruba e quer dizer “meu mais velho”. Somente pode assumir o cargo de ebome o iniciado que tenha sido “feito” a pelo menos sete anos. E após terem passado pela cerimônia do deká, onde lhe é entregue os “direitos” de se estabelecer como um zelador (a) de santo.

Nesse grupo, podemos encontrar pessoas que não tem casa de santo aberta, ou seja, ganhou o direito e não constitui sua hierarquia fora de onde ganhou seu direito. Ou então, em alguns casos, o orixá não quis ter sua própria casa de santo e prefere ainda “servir” aquela casa onde sua “obrigação” foi tomada.

São esses os sujeitos que irão reproduzir os segredos (conhecimentos) adquiridos ao longo do tempo. Se constituírem sua casa, é dele a missão de levar o que foi aprendido e reproduzir dentro de sua nova jornada. Ou em caso de não ter sua casa aberta, será dele também a responsabilidade de repassar esse conhecimento onde está ao mais novo.

Pensando nessa configuração posta acima e a reproduzindo dentro de uma roda de candomblé, a mesma irá se configurar com a roda de dentro, a que fica junto ao ariaxé (poste

central que emana o axé dos orixás) com os ebomes, sempre seguido do zelador (a) da casa, seguido da ekede mais velha para mais nova (as confirmadas e não confirmadas) que ostentam sua relação estreita de poder e com o segredo em suas vestes, que sempre são muito pomposas e com armaduras grandes. Na roda externa, as iaôs e abiãs. Respeitando a mesma ordem da roda interna, sempre do mais velho para mais novo, que vira com pouca pompa em sua veste, em clara demonstração de seu afastamento com o poder e o segredo, que está guardado pelo mais velho.

Os pés calçados ou descalços, também são formas de identificação dos sujeitos dentro de um terreiro de candomblé, demonstrando sua relação com a posição que ocupa na hierarquia e sua proximidade com o poder e o segredo. A mesma compreensão acima, ocorrera durante os rituais internos. O direito de manter-se em pé ou sentar-se em uma cadeira cabe ao mais velho ou às pessoas de cargo na hierarquia. Aos abiãs e iaôs cabe a imposição de manterem-se sentados ou agachados sobre uma simples esteira.

O mais velho tem o direito de andar erguido, falar olhando nos olhos. Aos que ainda não têm os sete anos pagos (tomou deká), andam encurvados e com olhar baixo. Dessa mesma forma os orixás dos que entram em transe se comportam. Os que têm “obrigação” de sete anos, andam livremente na casa (quando o adepto se encontra em transe), ou então podem sentar em uma cadeira, aguardando seu momento de tomar rum (dançar). Enquanto os orixás que ficam parados na mesma posição, são os orixás das iaôs que não ocupam espaço na hierarquia.

Ter “obrigação” de sete anos (ebome) significa possuir dignidade perante aos demais integrantes do grupo. E essa dignidade somente é adquirida ao cumprir todo o ritual estipulado pela organização. Essa “obrigação” de sete anos (deká), representa a posse do conhecimento (segredo), legitimando o poder do médium dentro da hierarquia. O olhar altivo de um ebome, perante o olhar infrequente da iaô, demonstram a força que o segredo detém, tanto na forma física, quanto nas simbólicas, seja na postura ou no comportamento do indivíduo, dentro de uma roda de candomblé.

Esse segredo toma diversas formas e se disfarça dentro das casas de candomblé. Podemos dizer que o existe uma “malandragem do segredo”, que possivelmente tenha sido reforçada da perseguição policial ao candomblé na época. (cf. Castillo, 2010, p. 33).

Para reconhecer esse segredo e/ou aprende-lo requer uma certa perspicácia e olhar bem atento, com minuciosa observação, assim com grande atenção e inteligência. Até porque, conforme já fora dito, o segredo não tem uma forma ou é uniforme. Ele tem variantes, de acordo com cada casa. E não se atentar a isso, pode resultar em conclusões equivocadas e/ou precipitadas.

Para Carneiro (2018, p. 62), “a grosso modo, o que se percebe nesses estudos, quando se fala de segredo, é um posicionamento no estilo diplomático, através do qual fica evidente, que a prática do segredo existe., mas que, no entanto, esse mesmo segredo em nada impede o desenvolvimento da pesquisa proposta. ”

E ainda de acordo com Prandi (2005), a autoridade dos anciãos, tido como detentores dos segredos da religião, tem sido colocada em xeque pelos movimentos contemporâneos de codificação escrita e eletrônica de conhecimentos antes retidos e controlados pela tradição oral dos terreiros. Sendo assim, podemos dizer que o segredo opera como um mecanismo de coesão do grupo, como patrimônio e como instituição do povo santo.

Podemos então falar que existe uma relação simbiótica entre segredo e poder, de forma que o poder distribui o segredo, ao mesmo tempo que o segredo engendra o poder. Tendo o conhecimento como uma das faces desse segredo.

Conforme Foucault (1979, p.142) salienta “não é possível que o poder se exerça sem o saber, não é possível que o saber não engendre o poder”. A partir desta premissa temos a certeza de que é assim que se dá o segredo dentro de uma casa de candomblé. A execução do segredo dentro de uma casa de candomblé também pode ser olhada como um método de controlar o poder. Assim, a transmissão de teor, que possa ser vista como segredo, pode ser tida como um processo de dar poder. Nesse momento, está diretamente ligado ao processo de iniciação (feitura).

Sendo assim, quando o segredo (que dentro de uma casa de candomblé, também será conhecido por “fundamento”) começar a ocupar o espaço e definir os limites físicos e simbólicos, tanto do terreiro quanto da religião, quando acessar ou não, começar a dar forma e organizar a hierarquia, poderemos ver o jogo do poder se entrelaçando com o jogo do segredo. E assim, as regras do segredo, também passam a ser as regras do poder. Para manutenção desse segredo, e consequentemente do poder, existe, entre os ebomes, uma espécie de “código ético tácito”. Esse código, não será visto em nenhum outro local, apenas nas práticas, encontra-se enraizado dentro da cultura do candomblé.

Sendo assim Carneiro (2018, p.152-153), diz que, se conseguíssemos organizar e escrever, obedecendo os padrões ocidentais de estatuto, teríamos os seguintes pressupostos:

- 1 - Admita sempre a existência do segredo e evite sua negação;
- 2 - Comporte-se sempre de modo a admitir sua existência;
- 3 - Sempre trate como segredo aquilo que o grupo considera como tal;
- 4 - Em se tratando de conhecimento, nunca revele tudo de uma vez;
- 5 - Limite, sempre que puder, o acesso de algumas pessoas aquilo que se tem como segredo;
- 6 - Mantenha sempre o clima de segredo, dando a entender que existe mais segredos do que de fato há;
- 7 - Sempre que puder (e se fizer necessário) exponha arte daquilo que se tem como segredo, sem, no entanto, ser muito generoso nessa exposição;
- 8 - Com aqueles que julgam já terem galgado os últimos estágios do segredo estabeleça um pacto tácito para mantê-los no seu entorno e para que também eles façam o jogo do segredo;
- 9 - Sempre que o segredo correr riscos, mude as regras, e mostre quem é que tem a autoridade para definir o que é e o que não é segredo;

E, assim o autor conclui dizendo que “É a luz desses pressupostos, que jamais deverão ser considerados como táticas de *segredismos*” (cf. Carneiro, 2018, p.153).

Assim, pelo exposto acima, podemos perceber uma estreita relação entre segredo e poder. Mesmo que cada um ditando as suas regras, podemos perceber que se enveredam no mesmo jogo. O segredo também passa a ser controlado e ao controlador é garantido o direito legítimo de obtê-lo. Assim, o segredo passa a ser visto como tabu, o que gera tensão entre o povo de candomblé.

Falar de segredo torna-se uma prerrogativa dos mais velhos de santo. Aqueles que já tomaram suas obrigações de sete anos (ebome). Falar de segredo também é falar de poder, e por esse motivo, os mais novos nunca tem voz nessa conversa.

Para Carneiro (2018):

Essa tensão em torno do tema segredo durante muito tempo influenciou até a produção acadêmica sobre a religião, uma vez que só recentemente a academia começou a discutir e estudar com mais afinco a questão e os sentidos do segredo ritual no candomblé. Assim torna-se manifesto que as regras do segredo também são as regras do poder. Há aqui uma simbiose entre ambas. Symbiose esta que converge na direção da manutenção do poder nas mãos das lideranças. Sempre que essas regras são de alguma forma, ou por algum motivo, burladas, instala-se o conflito. (CARNEIRO, 2018, p.158)

Esse conflito citado pelo autor, pode ser visto entre aqueles que detêm o poder, através do controle do conhecimento religioso e aqueles que desejam obtê-lo ou mesmo usurpa-lo. Pensando sobre o exposto, podemos pensar no segredo como capital de conhecimento, que fica retido entre os ebomes (ialorixá/babalorixá, tateto/mameto), que são os que zelam por ele, como forma de dar existência ao terreiro de candomblé. Todo poder (conhecimento) repousa nas mãos dessas lideranças.

Transmitir conhecimento significa então, transmitir poder. Assim como a retenção pode significar controle desse poder. Engana-se quem pensa que a transmissão desse conhecimento ocorre de forma harmônica e contínua. O processo de transmissão do conhecimento e consequente aquisição de poder, dada pelo mais velho, não é nada tranquilo.

A relação não ocorre de forma romântica, onde o detentor do conhecimento oferece o seu saber de forma generosa aos novos “mais velhos”, fazendo-os excelentes sacerdotes da religião.

Devemos nos ater ao fato de que, esses novos ebomes, serão os futuros mantenedores das casas de santo, porém esses mesmos irão ocupar o lugar de concorrente do mais velho, no já tão disputado mercado religioso do candomblé.

Assim descreve Vallado (2010):

No candomblé, o desejo de poder pode ser acalentado, mas o seu exercício será sempre suscetível a julgamentos divinos, cujo intérprete é sempre o pai de santo. (...) por isso mesmo, são sempre muito tensas as relações sociais no terreiro, pois se refletem no poder que o pai de santo destina a cada uma das pessoas que ali congrega. Não existe igualdade neste local. O candomblé é o lugar da diferença e hierarquia. (VALLADO, 2010, p.36)

O ganho de conhecimento e poder agravam ainda mais. São desenvolvidas diferentes maneiras de adquirir conhecimento, nem que seja “de tabela”. As conversas de cozinha, conforme costuma-se dizer numa casa de santo, tornou-se uma das formas para driblar os processos tradicionais de transmissão de conhecimento, dentro de um terreiro de candomblé.

O segredo se torna um obstáculo a quem dele deseja se apropriar. Os mais velhos, procuram elaborar ainda mais suas estratégias afim de mantê-los em resguardo, enquanto os mais novos aperfeiçoam suas formas de descobri-lo.

Vallado (2010), aborda as maneiras de transmissão de conhecimentos e prerrogativas dos mais velhos, da seguinte forma:

Nos terreiros há sempre uma forma de saber de tudo. Parece contraditório numa religião que tem por ideal o zelo pelo mistério que envolve os rituais sagrados das divindades. Esse mistério que compõe o saber religioso é prerrogativa principal dos mais velhos., que consequentemente detém o poder. Ensinar aos mais novos significa redistribuir o poder, o que é feito com muita parcimônia e critério. (VALLADO, 2010, p. 45)

Podemos concluir que, quem detém o conhecimento detém poder sobre os demais membros do grupo dentro de uma casa de candomblé. Esse segredo (fundamento), se porta nas mãos de um ebome, como uma espécie de chicote, que ou amedronta ou então acalma os seguidores, fazendo-os se comportarem de maneira dócil e submissa aos (em alguns não raros casos) desmandes, ocorridos dentro de um terreiro.

Os mais velhos (ebomes) operam sempre com uma forma de censura sobre as formas alternativas de circulação do conhecimento (livros, internet etc.). Enquanto que um lado (ebome) o segredo é mantido guardado como uma ferramenta preciosa a um carpinteiro, do outro lado (yao/abiã) temos um público ávido, em uma quase “conspiração”, desejando usurpar o poder para si, e assim, ganhando poder sobre o capital religioso.

Focault (1979, p. 142) havia analisado essa relação entre poder e saber, quando disse “ora, tenho a impressão de que existe, e tentei fazê-la parecer, uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder”.

Dentro de um terreiro essa articulação mostra-se de forma efetiva e predominando o ambiente. E sendo o conhecimento dos fundamentos, repassado de acordo com um costume, que se demonstra legítimo, segundo os princípios do candomblé, o repasse do poder, em tese, também obedece a essa normativa tradicional de transmissão do conhecimento.

Segundo Foucault (1979, p.142), “o exercício do poder cria perpetuamente o saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder”. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”. E isso tem ocorrido no candomblé.

A concentração do poder e saber estão na figura do zelador (a) da casa de santo, que são autoridade máxima dentro de um terreiro de candomblé e assim o/a principal detentor do conhecimento e quem “protege” o segredo.

Continuando a reflexão de Foucault (1979):

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação. Nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo com uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou esvaçando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos identificados e constituídos, enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o centro do poder: é um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa pelo indivíduo que ele constitui. (FOUCAULT, 1979, p. 183-184)

Isto corrobora o que traz Araújo (2018) quando diz assim:

Eu diria, então, que, no candomblé, as dinâmicas da transmissão dos conhecimentos (fundamentos, segredos) e do poder colocam o babalorixá na posição do centro de engendramento e transmissão do poder (ao lado do orixá). Da mesma forma, o conhecimento transmitido plasma a personalidade social do adepto que, gradativamente, se aproxima do segredo e do poder, à medida que vai tomando suas obrigações iniciáticas. (ARAÚJO, 2019, p. 166)

O que percebemos com o exposto é que não existe poder sem conhecimento. E que adquirindo conhecimento o poder logo se apossa do indivíduo. Seria o percurso natural dentro de um processo de iniciação dentro da religião, após o período determinado (sete anos) que o

poder fosse delegado ao “novo” zelador, que é quem cuidara a partir de agora de zelar pela manutenção do segredo.

Esse novo ebome, que acaba de tomar sua obrigação, quando bem preparado, passa a ser instruído para que leve adiante a tradição mantida pelo candomblé, e por ele, por suas mãos, novos adeptos serão iniciados e conseqüentemente preparados para se tornarem “novos” guardiões do segredo.

CONCLUSÕES SOBRE O SEGREDO, O PODER E O CONHECIMENTO DENTRO DO CANDOMBLÉ

O que podemos concluir com tudo que foi exposto é que a prática do candomblé, pode ser vista como conflituosa quando analisada em sua epistemologia. Pensar o candomblé tradicional com suas variantes e entender que apenas uma pessoa é o detentor do conhecimento e que os demais membros dependem de sua boa/má fé, nos traz a reflexão de que o mesmo precisa de uma regulação para que não nos tornemos apenas obedientes ao sistema de poder de apenas uma única pessoa.

O candomblé vivido dentro de uma casa de santo pelos seus adeptos, passa além do imaginário popular e da romanização que pode ser observada por alguns não membros. O candomblé vivido na realidade, aquele que é vivido de segunda a domingo por seus adeptos, sofre com a (ausência) informação e com as ditaduras da hierarquia propostas por alguns detentores do poder.

Pensar a estrutura da casa de santo e fazer uma analogia com o que fora vivenciado pelos negros escravizados, entre senzala e casa grande, vamos encontrar muitas semelhanças e poucos afastamentos. A manutenção do segredo, aliado ao comportamento de alguns zeladores (as) de santo, faz da realidade do praticante de candombe, uma realidade quase que análoga ao que fora vivido por negros sequestrados de África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, Georges. A desordem: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997
- CARNEIRO, Patrício Araújo. Segredos do Poder: Hierarquia e Autoridade no Candomblé. São Paulo: Editora Arché, 2018.
- CASTILLO, Lisa Louise Earl. Entre a oralidade e a escrita: percepções e usos do discurso etnográfico no candomblé da Bahia. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Salvador, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 6 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- PRANDI, Reginaldo. Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo, Editora HUCITEC, 1991 (2001).
- SEGREDO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/segredo/>. Acesso em 30/07/2024
- SILVA, Vagner Gonçalves. A questão do segredo no Candomblé. IN: Revista de História, 2011. Disponível em: <https://antropologia.fflch.usp.br/files/u127/segredo.pdf>. Acessado em 07/07/ 2014 às 19h 10min.
- SILVA, V. G. da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2006.
- VALLADO, Armando. Lei do santo: poder e conflito no candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,
CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>